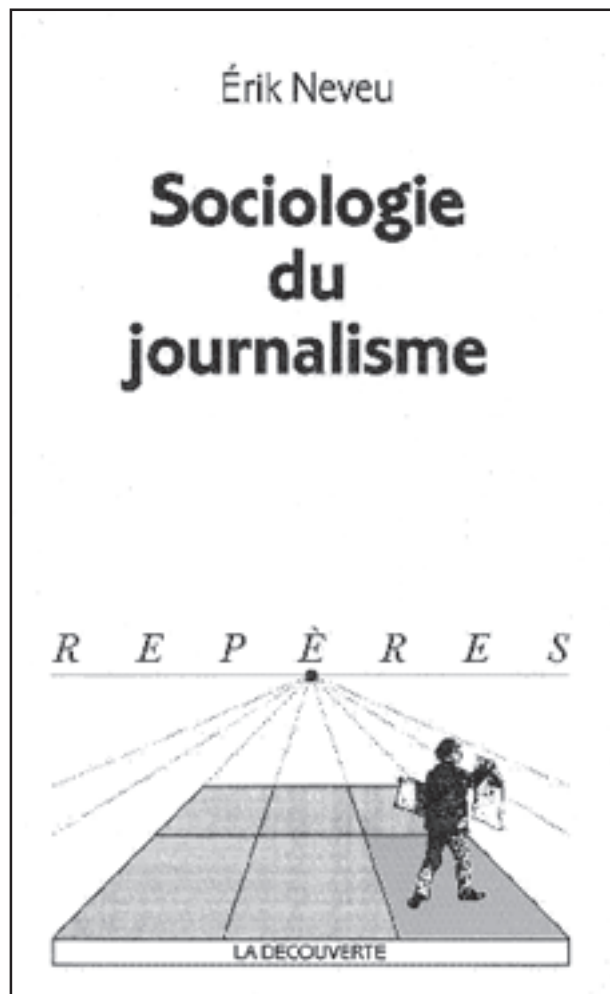


# Sociologia do Jornalismo



NEVEU, ÉRIK. *Sociologie du Journalisme*. Collection Repères. Paris: La Decouverte, 2001. 123 p.

O livro *"Sociologie du Journalisme"*, de Érik Neveu, traz diversas contribuições teóricas e metodológicas, tanto para a Sociologia como para as demais ciências sociais e humanas, para se tomar o jornalismo como objeto de estudo e reflexão. Na introdução o autor aponta os principais obstáculos epistemológicos que impedem uma compreensão distanciada do referido tema, questionando práticas jornalísticas que funcionam como "mitologias profissionais". Dentre essas "mitologias", Neveu menciona expressões correntes que vinculam o jornalismo ao quarto poder da sociedade e que valorizam a existência de uma imprensa livre como condição necessária aos regimes democráticos. O autor salienta ainda que os primeiros produtores das análises sobre jornalismo são os próprios jornalistas e que, em muitos casos, oferecem uma visão encantada do ofício, de suas funções democráticas e de seus poderes. Esse ponto chama a atenção para o fato de que os jornalistas ao narrarem e teorizarem sobre suas práticas estão ao mesmo tempo oferecendo um tipo específico de visão desse ofício.

A partir do caso francês, esse livro propõe uma exploração ampla das práticas jornalísticas para compreender tanto a sua história, morfologia e a cartografia social quanto as suas rotinas cotidianas. O autor valoriza a dimensão etnográfica do trabalho destacando que é preciso estar atento, para compreender o trabalho dos jornalistas, ao ato de fazer jornalismo, dentro das salas de redação, através da realização de entrevistas, busca e produção de imagens e a construção dos comunicados. Para dar conta dessas questões, o livro é dividido em três partes. A parte inicial trata da genealogia da profissão e seu estado atual na França. A segunda valoriza as práticas jornalísticas e as rotinas próprias dessa atividade. E a última interroga as questões ligadas aos poderes dos jornalistas e a evolução e transformação da profissão.

Em função dos riscos evidentes que envolvem a análise da gênese do jornalismo, tais como valorizar cronologias de surgimento e aparição de jornais, títulos jornalísticos e fórmulas editoriais, o autor opta, no primeiro capítulo, pela análise comparativa entre o jornalismo francês e o anglo saxão a fim de colocar em evidência dois modelos opostos. Para não correr o risco de cair em uma regressão infinita de datas e fatos, destaca-se as principais características desses dois modelos de jornalismo, conduzindo o leitor a perceber as diferenças fundamentais que contribuíram para constituir a singularidade desses dois modos de fazer jornalismo. O cenário de surgimento, as condições sociais, estruturais e históricas de constituição e desenvolvimento do jornalismo são enfatizadas nesse capítulo para apresentar o que é ser jornalista e o que implica esse ofício nos países consi-

**Fernanda Rios Petrarca**  
UFRGS

derados. O autor faz uma breve incursão na reflexão sociológica sobre a noção de profissão aplicando-a ao jornalismo e trazendo novos elementos e problemáticas que permitem perceber as especificidades dessa atividade, seus conflitos e divisões próprias. Ao contrário do que tem mostrado a perspectiva funcionalista da sociologia das profissões, é preciso considerar o jornalismo como uma realidade de visões divididas da regra profissional, do “savoir-faire”, em que está em jogo estabelecer as visões e divisões próprias desse ofício.

No capítulo seguinte é dedicada atenção à evolução e estrutura atual da profissão de jornalista, tomando como referência o caso francês. Nesse momento, ganha destaque os aspectos relacionados à morfologia da profissão e sua composição social, a partir de variáveis como titulação, número de jornalistas, suas divisões quanto aos espaços de atuação e a divisão sexual do trabalho e das competências. A singularidade e especificidade do jornalismo francês são apresentadas através dessas questões. Além disso, tais questões contribuem para perceber a importância da análise da cartografia global da profissão, uma vez que através dela é possível ver como se articulam as hierarquias internas próprias do ofício, os princípios de oposição, bem como a formação de especialidades mais legítimas e aquelas menos legítimas.

A segunda parte do livro é organizada em torno da análise do trabalho jornalístico e sua rotina. Num primeiro momento é salientada a descrição dos eventos que fazem a rotina do jornalismo e que contribuem para formação e estruturação das pautas, como também para a divisão das tarefas e para a hierarquia jornalística. Destacam-se nessa rotina o trabalho das fontes, as classificações jornalísticas que permitem hierarquizar o “caos da informação”, o valor da informação e as linhas editoriais. Esse capítulo fornece informações importantes para se analisar o trabalho cotidiano do jornalista. Uma delas é o trabalho diário também das fontes de informação. Por um lado é preciso considerar que a metáfora da fonte está relacionada à imagem do jornalista farejador e pesquisador, por outro lado, trata-se de perceber que as fontes hoje em dia são ativas e produzem informações para os jornalistas. A visão do jornalista como o único protagonista ativo da produção da informação faz parte de uma determinada construção da imagem de jornalista e deve ser confrontada com a profissionalização das fontes que se torna cada vez mais crescente. As fontes desenvolvem uma racionalidade estratégica que repousa sobre a antecipação das rotinas e das práticas jornalísticas para fornecer “o pronto a publicar ou difundir”. Essa profissionalização se exprime no crescimento de um número de pessoas encarregadas pelas diversas instituições para promover sua comunicação. Formadas em escolas especializadas, vindas também do jornalismo, esses profissionais da comunicação dispõem de um conhecimento dos métodos de trabalho dos jornalistas.

O momento seguinte problematiza o trabalho jor-

nalístico através de duas operações consecutivas que são fundamentais: a seleção dos fatos, dos quais vão ser constituídos os eventos importantes para o jornalismo, e a forma de narrativa, a qual consiste na formulação em histórias dos eventos selecionados. Essa problematização traz elementos para se analisar a construção de notícias jornalísticas. Mais do que tomar o discurso jornalístico como um fato literário, como fazem muitos estudos sobre as narrativas da imprensa, é preciso mostrar que as formas de escritas jornalísticas não estão separadas das rotinas que estruturam as práticas jornalísticas e que permitem selecionar fatos que merecem ser transformados em notícias. Trata-se de levar em consideração o conjunto das condições de trabalho e os constrangimentos de produção, bem como as estratégias comerciais das empresas e as lógicas de distinção e concorrência jornalísticas que exercem uma força sobre as narrativas da imprensa.

A parte final do livro visa dar conta das discussões sobre os poderes dos jornalistas e as crises e transformações que envolvem o exercício da profissão. O primeiro capítulo traz contribuições para a sociologia reformular e questionar o debate sobre os poderes dos jornalistas colocando em cheque as visões encantadas que envolvem a definição, sobretudo dos poderes de influência do jornalismo. Ao mesmo tempo aponta para a necessidade de reconhecer a existência de um poder e de estar sensível e atento para os paradoxos e elementos que estão relacionados à sua construção. A forma como o autor problematiza os poderes dos jornalistas permite considerar tanto a capacidade desses profissionais, através da escrita e das práticas discursivas, de influenciar a construção social da realidade e dos problemas que merecem atenção pública, quanto à competência para hierarquizar acontecimentos e consagrar eventos diversos influenciando assim outros campos de produção. No segundo, dessa parte, o autor centra as discussões nos principais desafios que envolvem o estado atual do jornalismo, os impactos do mercado econômico sobre a atividade e as constantes crises deontológicas e identitárias que afetam o trabalho jornalístico e a imagem social desse ofício.

Ao construir o jornalismo como objeto de análise e reflexão sociológica, Neveu traz vários elementos para problematizar o estudo desse tema, permitindo considerar um conjunto de dimensões que devem ser tratadas como redes interdependentes para compreender o funcionamento do trabalho jornalístico. O autor contribui com diversos questionamentos não só para uma sociologia da mídia, dos meios de comunicação e da produção da informação, mas também para aquela sociologia que pretende tornar as profissões objeto de investigação. Enfim, trata-se de um livro que desconstrói tanto as mitologias próprias do jornalismo quanto aquelas que envolvem as investigações sobre mídia e profissões na sociologia e nas ciências sociais como um todo. ■FAMECOS